



Bestiaire d'Amour (excerto)

Versão portuguesa

Adaptação de **António Almeida** a partir dos manuscritos reproduzidos em:
Li Bestiaires d'Amours di Maistre Richart de Fornival et Li Response du Bestiaire
a cura di Cesare Segre, Riccardo Ricciardi Editore, Milano-Napoli, MCMLVII (1957)

Doce Menina,

Tu, que não podes partir da minha memória, tu cujo traço do amor que te tive não pode desaparecer, de tal forma que não posso ser curado; por mim gostaria de morar para sempre na tua memória, se tal coisa é possível.

Por isso te envio duas coisas numa única. Envio-te neste escrito pintura e palavra, para que quando eu não esteja presente, este escrito pela sua sua pintura e pela sua palavra me renda à tua memória como se eu fosse presente.

Este escrito convoca todos os outros que te enviei até agora. Como um rei, que quando vai guerrear fora do seu reino, leva dos seus melhores homens uma parte, e deixa uma maior parte a guardar a sua terra; mas quando vê que não lhe basta a gente que levou, com aperto convoca todos aqueles que deixou para trás: assim me convém fazer.

Disse-te e enviei-te muitas belas palavras, elas não me prestaram todo o serviço que delas esperava, por isso faço deste escrito a minha convocatória, e nele digo o melhor que sei, para saber se tu o tomas com agrado. E mesmo que não me estimes há neles coisas que os olhos se deleitam a ver, os ouvidos a entender, e a memória a lembrar.

E porque este escrito é a minha convocatória e ao mesmo tempo o último reforço que posso enviar, tenho que nele, mais do que em todos os outros, empregar com mais força a palavra. Assim como se diz da natureza do galo: quando o galo canta de noite, quanto mais próximo está do meio da noite, mais se esforça e engrossa a voz.

O meio da noite representa o amor de toda a desesperança. E como não tenho nenhuma esperança do mundo de ter a tua boa vontade, é para mim como o meio da noite; e tenho por isso que cantar com mais força.

Quant oi tentir — bande 1 "La Doce Acordance"

E porque não posso em ti encontrar misericórdia, meto grande pena como nunca, não a fortemente cantar, mas a fortemente e com alcance dizer. O meu cantar perdi. Porquê? A natureza do lobo é tal, que quando um homem o vê, antes que ele veja o homem, o lobo perde toda a sua força e audácia; e se o lobo vê o homem primeiro, o homem perde a voz, e não diz palavra.

Esta natureza assim encontra-se no amor de homem e mulher. Quando há amor entre os dois, se o homem pode perceber, pelo jeito da mulher primeiro que ela o ama, e que ele tenha arte para que ela o reconheça, ela perde a audácia de lho esconder. Mas porque não me pude conter, nem sofrer de te dizer minha coragem, antes que eu nada soubesse da tua, assim me escapaste tu. E se eu o vi primeiro, segundo a natureza do lobo, devo eu bem perder a voz.

É uma das razões porque faço este escrito não como um canto, mas como um conto.

Puiqu'en moi a recovre — bande 2 "La Doce Acordance"

Uma outra razão disso mesmo encontra-se na natureza do grilo, a qual muito apreciei. A sua natureza é tal que por tanto amar o seu canto, morre a cantar, perde o apetite e esquece-se de procurar alimento. Assim me dei conta que o cantar de pouco me valeu, que nele não me posso fiar sem que eu perca. Compreendo bem que foi na hora que melhor cantei e que melhor disse cantado, que foi pior a minha situação.

Assim como o cisne. Há um país onde o cisne canta tão bem e com tanta vontade, que quando se harpeja diante dele, ele acorda-se à harpa, tal como pífaro se acorda ao tambor, nomeadamente no ano em que deve morrer; é por isso que quando se ouve um que canta bem se diz: "este morrerá no ano".

Les oisillons de mon pays

Não te maravilhes se comparo o amor da mulher à natureza do lobo. Tem o lobo muitas outras naturezas pelas quais há muito maior semelhança. A primeira dessas naturezas é tal que ele tem o pescoço tão teso que não o consegue flectir se não o virar com todo o seu corpo. A segunda natureza é que ele não toma a presa perto do covil, mas longe. A terceira natureza é que ao entrar num redil o mais caladamente que pode, se um qualquer ramo se quebra debaixo da sua pata e faz ruído, ele vinga-se sobre a sua pata e faz-lhe uma mordedura dolorosa.

Todas estas três naturezas se encontram no amor de mulher. Pois ela não se pode dar, se não toda: o que se acorda com a primeira natureza. E pela segunda, se sucede que ela ama um homem, quando ele está longe dela, ela ama-o com ardor, quando ele está perto de tal não dá o menor sinal. E segundo a terceira natureza assim é que se ela vai tão adiante de palavra que o homem pode perceber que ela o ama, tal como o lobo se vinga pela sua pata, assim sabe ela muito bem por força de palavras cobrir e dissimular que em demasia se adiantou.

Tem ela grande vontade de saber doutrem o que ela não quer que dela se saiba, de homem que ela cuida que a ama, sabe-se ela com rigor guardar. Como a víbora que quando vê um homem nu, tem tanto medo que foge sem de nada se afiançar; se ela o vê vestido precipita-se sobre ele sem temor.

Desta maneira agiste tu comigo, bela muito doce menina. Quando te conheci, achei-te de uma maneira muito doce com um pouco de reserva como convém, como se tu tivesses de mim um pouco de temor pela novidade do meu rosto; e quando soubeste que te amava, foste feroz comigo e sitias-te-me de palavras.

Poinne d'amours — bande 10 "La Doce Acordance"

Parece-me que devias ter feito o contrário, e que devia ter tido de ti a melhor cara quando me viste vestido do teu amor, que quando dele estava nu. Assim é a natureza do corvo: quando as crias estão sem penas, e tanto que não são negras, e não se lhe assemelham, não os olha nem alimenta, e eles não vivem senão de orvalho, até que estejam vestidos de penas e que se assemelham ao seu pai.

Devias assim ter feito comigo, bela muito doce menina, quando estava nu do teu amor, não devias inquietar-te comigo, e uma vez dele vestido, e que trouxe um escudo às tuas armas, devias ter-me estimado e fortificado no teu amor, ainda que este fosse tenro e novo, assim como se alimenta uma criança no berço. É a natureza do corvo que deve triunfar no amor.

Têm o corvo uma outra natureza, que sobre todas as outras mais se assemelha ao Amor. Quando ele encontra um morto, a primeira coisa que come são os olhos. E por aí extraí o cérebro, quanto mais encontra, mais tira. Assim faz o Amor: desde o primeiro encontro o homem é tomado pelos olhos, jamais o amor me teria tomado, se eu não tivesse olhado.

O amor comporta-se como o leão: quando o leão come a sua presa, se um homem passa ao seu lado, e o olha, porque a figura do homem tem um porte senhorial, de tanto que ele é feito à imagem do Senhor dos senhores; o leão teme o seu rosto e o seu olhar; mas porque ele é de natureza audaz, tem tanta vergonha de ter medo que se atira ao homem, assim que ele o olha. Pode o homem cem vezes passar ao lado do leão, que o leão não se moverá desde que o homem não o olhe. Por isso digo que o Amor se assemelha ao leão, pois não se precipita sobre um homem a menos que este o olhe.

Estou pois morto, é verdade. E quem me matou? Não sei, tu ou eu, sei que ambos temos culpas. Como aquele que a sereia mata, quando ela o adormece com o seu canto. Há três maneiras de sereias, duas são metade mulher e metade peixe, a terceira é metade mulher, metade pássaro. Cantam todas as três: umas em buzinas, as outras em harpas e as terceiras em voz de mulher;

é a sua melodia tão agradável, que nenhum homem que as ouça, longe que esteja, que não lhe convenha vir. Quando está perto adormece, e quando a sereia o encontra adormecido, mata-o. Parece-me que tem a sereia grandes culpas quando o mata em traição, e o homem grandes culpas quando nela se fia. Estou morto por semelhante ocasião, tu e eu temos culpas. Não ousou acusar-te de traição, não meto culpas que sobre mim mesmo: eu mesmo me matei.

Fui tomado pelo ouvido e pela vista, e não é de estranhar que tenha perdido a minha inteligência e a minha memória. O ouvido e a vista são as duas portas da memória, são os dois mais nobres sentidos do homem. O homem possui cinco sentidos: a vista, o ouvido, o odor, o gosto e o toque.

Pelo nariz mesmo fui preso, assim como o unicórnio que adormece com o doce perfume da virgindade da donzela. A sua natureza é tal que não há outro animal tão difícil de capturar, tem no meio da fronte um corno a que nenhuma armadura resiste, ninguém ousa atacá-lo ou observá-lo, se não é uma donzela virgem. Pois ele sente nela o odor da virgindade, ajoelha-se diante dela e humilha-se docemente como se a quisesse servir. Os caçadores sábios que conhecem a sua natureza, colocam uma virgem no seu caminho, e o unicórnio vem dormir sobre os seus joelhos. Quando ele adormece vêm os caçadores, que não ousando atacá-lo quando acordado, o matam.

La douce acordance — bande 3 “La Doce Acordance”

Foi assim que o Amor se vingou de mim. Confesso ter sido o homem mais orgulhoso entre todos os da minha idade em relação ao Amor; nunca encontrei uma mulher que quisesse ter toda à minha vontade e na condição que eu a amasse de um amor tão ardente, como eu ouvi dizer que se amava. E Amor que é caçador avisado, colocou-me no meu caminho uma donzela a cujo doce perfume eu adormeci, e que me matou de uma morte como pertence ao Amor, a saber o da desesperança sem espera de misericórdia. Por isso digo que fui preso pelo nariz, e abandonei a minha vontade para seguir a tua. Como as bestas que ao sentirem o odor da pantera, não se podem dela afastar, antes a seguem até à morte, por causa do doce bafo que ela exala.

E por esta razão fui tomado pelos três sentidos, o ouvido, a vista, e o odor. E se tivesse sido tomado pelos outros dois sentidos, o gosto ao beijar-te, e o toque ao ter-te nos meus braços, então pudera eu de direito adormecer. Pois dorme o homem quando não sente nenhum dos seus cinco sentidos. E do adormecer vêm todos os perigos. A todos os adormecidos segue a morte, tanto para o unicórnio que adormece ao pé da jovem donzela, como para o homem que adormece ao pé da sereia.

Também assim é do pelicano. Sabe-se bem que o pelicano ressuscita as suas crias, e sabe-se bem como. O pelicano é um pássaro que ama maravilhosamente os seus pequenos, e tanto os ama que brinca muito prazenteiramente com eles. Quando vêm que o seu pai brinca com eles, tanto se fiam que também ousam brincar com ele, e voando diante da sua face batem-lhe com as asas nos olhos, ele então encoleriza-se e mata-os. E quando os mata arrepende-se. Levanta a sua asa e abrindo o flanco encosta o bico e do sangue que assim faz jorrar, ergue os seus pequenos e ressuscita-os.

Dex est aussi comme les pellicans

Assim, bela muito doce amada, quando fui teu novo conhecimento, que essa novidade me fez assim como o teu pequeno pelicano, fizeste-me um tão belo semblante que me pareceu avisado ter a audácia falar-te daquilo que mais me agradaria. Tomaste-me em tão pouca conta, que do que te disse nada te agradou: assim me mataste de morte como ao Amor pertence. Mas se queres o teu doce flanco abrir, tanto que me ergueste da tua boa vontade, e dar-me o belo coração desejado que jaz dentro desse flanco, ressuscitar-me-ás. É a soberana medicina do meu auxílio ter o teu coração.

E não foi agora que te ouvi por vezes dizer que te desagradava a minha suplica, e que sem ela aceitarias de bom grado a minha companhia, entrega-me o teu coração para que te alivies desse

desagrado. Assim como fazem os castores. O castor é um animal que tem sobre ele um membro que transporta um remédio, quando é caçado, é para obter esse membro. Ele foge tão rápido quanto pode; mas quando vê que não pode mais fugir, ele tem medo que o matem. Possui ele da sua natureza tanto entendimento que sabe que não o caçam que para obter esse membro; com os seus dentes arranca o membro e abandona-o no meio do caminho; quando o caçador o encontra deixa o castor partir pois não é senão para isso que o caça.

Assim, bela muito doce amada, se a minha suplica te enfada tanto quanto o dizes, podes-te dele livrar pela dádiva do teu coração, pois não te persigo que por isso. Mas ele está fechado de uma tão forte fechadura, que não posso atingir o meu fim, pois a chave não está na minha posse, e tu que tens a chave não o queres abrir.

Chançon ferai — bande 6 "La Doce Acordance"

Quero que te arrependas segundo a maneira do crocodilo. A sua natureza é tal que quando ele encontra um homem, devora-o: e quando o devora, chora-o todos os dias da sua vida.

É aí que quero que chegues a meu propósito, doce menina. Sou o homem que encontraste, verdadeiramente encontraste. Da mesma forma que se tem sem trabalho o que se encontra, assim fiquei teu, tiveste-me por nada. E depois devoraste-me e matas-te-me de morte de amor. Se pode ser, quero eu bem que tu te arrependas, e que me chores com os olhos do teu coração. Assim, de meu agrado, posso eu vingar-me de ti.

Se raige et derverie

É isso o que acontece no caso do crocodilo e da serpente que se chama hidra. É uma serpente com várias cabeças, e ela é de natureza tal que quando se corta uma das suas cabeças, nascem-lhe duas no lugar da que foi cortada. Esta serpente odeia de um ódio natural o crocodilo, quando vê que o crocodilo comeu um homem, e que ele se arrepende tanto que não tem talento para comer outro homem, concebe a hidra que ele é fácil de enganar. Enrola-se na terra como se fora morta, o crocodilo encontra-a, devora-a e engole-a inteira. Quando a hidra se encontra no seu ventre, despedaça-lhe as entranhas e sai festejando a sua vitória. Mas o que quer que seja, se doce menina, aceitaste o amor de um desses, quero que seja de mim e dele o que é da fêmea do macaco e dos seus dois filhotes.

A natureza da macaca é tal que ela tem sempre duas crias em cada ninhada, e que ela ama ambos como mãe e quer alimentar os dois, contudo ela ama um muito mais que o outro, tanto que assim é, que se pode dizer que ela ama ume odeia o outro. De tal modo que quando a caçam para ser capturada, ela não quer de forma alguma perder nem um nem outro, mas acossada atira para trás das costas aquele que ela odeia, e se ele se pode aguentar assim fica, e aquele que ela ama leva-o diante de si, e foge caminhando sobre duas patas. Mas quando ela já tanto fugiu que está fatigada de caminhar em duas patas, que é forçada a caminhar sobre quatro patas, sucede-lhe perder aquele que ela ama e guardar o que odeia. Não é nada de maravilhar. Pois aquele que ela ama não se tem a ela, antes o tem ela a si, e aquele que ela odeia tem-se a ela. É bem de direito que quando ela necessita de usar todos os seus recursos, as patas traseiras e as patas dianteiras, que ela perca o que ela tem a si e que fique com o que a ela se tem.

E por isso tenho alguma esperança, por pouca que seja, pois que não se tem ele a ti, mas eu a ti me tenho, que deves ainda a ele perder e a mim reter, segundo a natureza da macaca. E bem digo que me tenho a ti e não te deixo por outra.

Sinto-me o macaco que atiraste para trás das tuas costas e que não podes perder. É por isso que tenho alguma esperança, por pouca que seja de em ti habitar, no fim de contas.

La douce voiz — bande 11 "La Doce Acordance"

Quem do dragão se quer guardar, deve fazer como o elefante. Pois a natureza do elefante é tal que não teme besta nenhuma, excepto o dragão. Há entre os dois um ódio natural, quando a fêmea do elefante quer parir, vai parir dentro da água do Eufrates, que é um dos rios da Índia, porque o dragão é de uma natureza tão ardente que não pode sofrer a água, se pudesse alcançar as crias, ele lambia-as e tocava-lhes com o seu veneno. Por outro lado o macho com medo do dragão atira-se para fora de água, sobre a margem.

Deves tu parir na água, se te queres guardar do dragão. Isto é, se tu queres que o teu amor permaneça escondido, deves reter-me com tanta prudência que, por uma parte não me mergulhes, por via de uma demasiada longa espera, num desespero que me leve a cometer qualquer acto infeliz, pelo qual se pode dar conta do teu amor; e por outra parte que não tenhas a tentação de procurar divertir-te com o primeiro com o qual sentes então desejo de brincar.

Je ne lerrai — bande 7 “La Doce Acordance”

Se usares de tal prudência, não deves temer que saibam do teu amor. Pois não sabes em quem te fiares, e se te queres guardar dos maus, assim te guardas de todos. Pois o que afirma ser muito leal, é mais renomeado traidor. E aquele que que mais garantias de palavra dá, é aquele em que menos creio. Pois se mete tão grande pena em que o creiam, alguma coisa coisa sabe que dele faz duvidar, e que ele quer esconder.

Muitos pereceram por terem confiança em tais asseguradores. Tal como sucede com uma maneira de baleia, que é tão grande que assim que tira o dorso fora da água, o marinheiro que a vê cuida que é uma ilha, porque ela tem a pele como a areia do mar; os marinheiros abordam-na como se fosse uma ilha, e nela se hospedam, quedando-se 8 dias ou 15, cozem sobre o dorso da baleia a sua comida. Quando ela sente o fogo, mergulha e arrasta-os consigo para o fundo do mar.

É por isso que digo que é na coisa do mundo que parece mais certa que menos nos devemos fiar. Assim sucede às que tomam um amigo. E que ele pretende morrer-se de amor, e que nem mal nem dor sente, e assim engana a boa gente como a raposa engana as pegas. Pois a raposa é de uma natureza tal que quando tem fome e não encontra o yue comer, deita-se em lama de terra vermelha, com a goela aberta e a língua de fora, como se estivesse morta ensanguentada. Logo chegam as pegas que julgando-a morta lhe querem comer a língua. Então ela atira os dentes, apanha-as pela cabeça e devora-as.

Belle douce dame — bande 4 “La Doce Acordance”

Assim digo eu que todo aquele que se faz náufrago de amores, a nada mais aspira do que a enganar. Mas porventura dirás tu isso de mim. Não posso por força nenhuma de palavras fazer-te saber de quais sou. Mas se comigo ficares, vou mostrar-te por acções que não sou senão para teu serviço. Como sei que nenhuma razão me podem valer ao pé de ti, nada mais peço de ti que o teu agradecimento.

Or entre mais et la saisons — bande 17 “La Doce Acordance”